

Epílogo



“Que caminhos a prática escolar em torno da Gramática precisaria trilhar para se afastar da Prescrição e se aproximar da Criatividade?”

“Trata-se de decidirmos qual é a formação que queremos dar a nossos alunos (de um lado), e qual é a formação que queremos dar aos professores de português (de outro lado). De modo mais amplo, trata-se de refletirmos sobre a relação que queremos estabelecer entre a pesquisa acadêmica em linguística e o ensino escolar no Brasil – talvez, até, trata-se de refletirmos sobre o que é (o que quer, e o que pode...) a própria linguística, hoje. Questões que, é claro, fogem às propostas e ao tamanho do nosso curso. A proposta do curso foi, isso sim, provocar uma reflexão sobre como o estudo de gramática na escola poderia ser transformado tendo como ponto inspirador aquela idéia de início esboçada: a do trabalho com gramática como uma prática relevante, desafiadora e enriquecedora da vida escolar, partindo dos três motivos que percorremos: Gramática e Cidadania, Gramática e Intuição, Gramática e Reflexão Científica. Esses três motivos foram discutidos cada um em seu turno, mas não são estanques. Ao contrário: são inúmeros os pontos de junção entre a formação cidadã, a valorização da intuição e da criatividade individual, e o estímulo ao desenvolvimento intelectual.

Assim é que, se desejarmos trazer para o ambiente da sala de aula o espírito investigativo do trabalho científico em torno da língua – fundamentalmente, o espírito da Dúvida – teremos que aceitar o trabalho *eternamente em aberto* da discussão das hipóteses. Para isso precisaremos contar com a intuição dos alunos, e com a

nossa própria intuição. Isso só será possível se privilegiarmos, antes de tudo, o verdadeiro falar dos nossos alunos (e o nosso verdadeiro falar!), suas verdadeiras intuições sobre a linguagem, sua *língua materna* – e não uma babel de vozes postizas que já não são ouvidas em parte alguma do Brasil. Precisaremos, ainda, trabalhar criativamente, muitas vezes sem o apoio reconfortante de materiais prontos, agindo como investigadores, e instigando nossos alunos a agirem, também, como investigadores, como sujeitos desse conhecimento que estão sistematizando. Assim se delimitaria um círculo interessante da cidadania à criatividade, da criatividade à ciência – e finalmente, da ciência de volta à cidadania, quando o trabalho sobre gramática puder de fato ajudar nossos alunos a se libertarem intelectualmente. Nessa reflexão sobre o que foi e o que poderia vir a ser o ensino de gramática, buscamos sempre a baliza da contraposição entre Prescrição e Criatividade, por reconhecemos aí a dicotomia central que determinou historicamente os lugares ocupados pela prática de ensino de gramática nas escolas. Na passagem da Prescrição para a Criatividade, enxergamos também o grande passo a ser dado na direção da renovação das práticas”.